

Discurso de posse na Academia Mineira de Medicina- 27/04/2018

Sr. Presidente da Academia Mineira de Medicina, Prof. Dr. Jose Raimundo Lippi

Meu paraninfo Prof. Walter Pereira, a quem agradeço as palavras elogiosas a mim dirigidas

Dr. Ricardo Alexandre de Souza, diretor da AMMG

Dr. Cícero de Lima Rena, vice presidente do CRMMG

Dr. César Miranda dos santos, diretor do Sindicato dos Médicos

Profa. Alamanda Kfoury Pereira, primeira mulher a ocupar a diretoria da Faculdade de Medicina da UFMG

Acadêmico Geraldo Magela representando o Diretor da Faculdade de Ciências Médicas

Dr Acadêmico Emerson Fideles, secretário da Academia

Prof. Luiz Megale, representando a Academia Mineira de Pediatria

Sras. Acadêmicas e Srs. Acadêmicos

Nesta oportunidade, aproveito para agradecer aos Senhores a distinção que me foi concedida, além da cordialidade e do carinho com que fui e estou sendo recebida.

Meus familiares aqui presentes - em especial meu marido Vado e meus filhos Bruno, Leonardo e Guilherme

Professores. Colegas. Queridos amigos.

Senhoras e senhores.

Inicialmente, quero expressar meu sentimento de felicidade nesse momento solene. Recebo esta honraria, envaidecida, profundamente gratificada, mas consciente da responsabilidade de ser empossada como Membro Titular da Academia Mineira de Medicina.

Meu relacionamento com a Academia ocorre há muito tempo, graças ao convívio com muitos de seus confrades e confreiras.

A primeira posse que participei foi da Dra. Nívia Nohmi, em 1983, minha saudosa professora na FMUFMG seguida de muitas outras, inclusive de minha irmã, agora confreira Elizabeth Dias, ocupante da cadeira 10 e membro da atual Diretoria.

Outro contato marcante foi com o prof. Bertoldo Kruse, da Academia Pernambucana de Medicina. Trabalhamos juntos no Programa Pró-Saúde, iniciativa do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação. O professor Bertoldo, como acadêmico, organizou seminários convidando médicos,

professores e estudantes para discutir a formação médica, no biênio 1999/2000, que foram compiladas no documento “A educação profissional em saúde e a realidade social, impresso em 2001. Como o autor esclarece na nota introdutória:

[...] denota esta coletânea que a Academia Pernambucana de Medicina não se encastela no culto da tradição nem vive de costas para a realidade. Ao contrário, esforça-se para rever valores [...] e busca modular a produção do saber pelos interesses mais amplos da sociedade.

A Academia Mineira de Medicina, fundada em 1970, manteve a tradição da Academia Nacional de Medicina, criada em 1829 e o compromisso de contribuir para o desenvolvimento e o progresso da profissão e do ensino médico.

Assim, recebi com entusiasmo o convite do prof. Walter para apresentar minha candidatura, com a convicção do relevante papel das Academias de Medicina no aprimoramento da atenção médica de qualidade.

A sugestão da cadeira 73 constituiu outro motivo de alegria, pela feliz coincidência de ter sido 1973, o ano de minha formatura em Medicina.

Como imortal não é o indivíduo, mas suas ideias, a Academia cultiva a tradição de, em cada posse, o novo titular resgatar a história do Patrono e seus antecessores, exaltando seu legado e impedindo, assim, que seus ideais sejam esquecidos.

Senhor Presidente Acadêmico Lippi, hoje, assumo a cadeira número 73, preenchida ao longo desses anos por dois ocupantes: o patrono Creso Agrícola Barbi e o professor Nereu de Almeida Junior

Passo agora a descrever o patrono da cadeira - Dr. Creso Agrícola Barbi

Nasceu em 18 de dezembro de 1919, em Palma, na Zona da Mata mineira. Estudou sempre em Belo Horizonte, em escolas públicas, como era a tradição da época - Grupo Barão de Macaúbas, Barão do Rio Branco e Ginásio Mineiro e diplomou-se médico pela Universidade de Minas Gerais, em 1944. Especializou-se em Oftalmologia e trabalhou como assistente no Hospital São

Geraldo. Atuou ainda no Hospital do Pronto Socorro e no IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes.

Casou-se com Eunice Penna Barbi e teve três filhos incluindo o Dr. Sérgio Barbi, nosso colega oftalmologista, aqui presente.

Em 1969, foi um dos fundadores do Centro Oftalmológico de Minas Gerais. Naquela década a oftalmologia passava por grandes transformações tanto na pesquisa quanto na área clínica. Apesar das restrições políticas e sociais existentes na época, os empreendedores se uniram, entusiasmados, e criaram uma clínica de vanguarda.

Faleceu em 1969, ainda jovem, aos 50 anos, em acidente automobilístico, em Sete Lagoas. Como reconhecimento de sua atuação médica e os serviços prestados ao município foi homenageado pela Câmara de Vereadores, com seu nome em rua no bairro Ouro Preto, na Pampulha.

Em relação ao **professor Nereu de Almeida Júnior**, se precisasse descrevê-lo em apenas uma frase, utilizaria as palavras do ouvidor da Santa Casa de Belo Horizonte - dr Manoel Hygino dos Santos e falaria: “Foi bom, foi sábio, foi justo”.

Mas, felizmente posso me estender um pouco mais.

O professor Nereu nasceu em Belo Horizonte em 20 de junho de 1917, em uma família de sete filhos. Seus pais vieram de Pará de Minas e se estabeleceram na Capital como atacadista de arroz. Nonô, apelido do prof. Nereu, fez o curso primário no Grupo Olegário Maciel e o ginásio, no colégio Arnaldo. Em 1934, ingressou na Faculdade de Medicina, da então Universidade de Minas Gerais.

Com 20 anos, Professor Nereu começava a prática hospitalar nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia, como acadêmico-estagiário de Cirurgia e Clínica Médica. Em dezembro de 1940, recebeu o diploma de Médico clínico das mãos do então diretor professor Alfredo Balena.

Aos 30 anos, casou-se, em 20 de junho de 1947, com a sra. Diva e tiveram 3 filhos.

Em 1941, iniciou suas atividades docentes como Assistente na Cadeira de Semiologia, que inicialmente utilizava como cenário de ensino a enfermaria da Santa Casa e a partir de 1967, o quinto andar do Hospital das Clínicas. O professor dedicava parte de sua carga horária ao atendimento na Santa Casa, assumindo a chefia da Clínica Médica, na Ala A, situada no 6º andar.

O sonho da maioria dos estudantes de medicina da Federal, na época, era ser estagiário acadêmico na enfermaria do Prof. Nereu, na certeza de receber ensinamentos de alta relevância técnica e éticos. Numa época de escassos recursos tecnológicos, aprender uma escuta qualificada dos sintomas e dominar a semiotécnica era fundamental. Causava admiração sua capacidade de auscultar um tórax, sem o uso de estetoscópio. Tive o privilégio de ser sua aluna na Faculdade e estagiária na enfermaria da Santa Casa.

Publicou dezenas de trabalhos científicos em revistas nacionais e estrangeiras e colaborou em livros didáticos. Participou ativamente da vida científica no país, organizando congressos, jornadas, simpósios na sua área de especialidade.

Em 20 de abril de 47, junto com outros seis colegas assinou a “Ata de Fundação” da Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de Minas Gerais, em evento ocorrido na Faculdade de Medicina, sob a presidência do então Diretor, Dr. Alfredo Balena. Exerceu a presidência em 1951,59 e 70, com entusiasmo e competência em prol do progresso da especialidade no Estado.

Foi, também, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Hepatologia, em 1967.

Aos 70 anos, ao aposentar-se como docente de Clínica Médica declarou que o fazia “por obrigação, não queria parar”. Em reconhecimento ao seu excelente trabalho na formação de alunos e pós graduandos, a egrégia congregação da Faculdade de Medicina lhe outorgou o título de Professor Emérito.

Na Santa Casa, onde trabalhou por mais de 70 anos, deixou como exemplo para as gerações futuras a importância da dedicação e da responsabilidade na prática médica. Em 2017, na comemoração de seu centenário, recebeu a Medalha Hugo Werneck e houve o lançamento do livro: “Nereu de Almeida Junior - O Homem e a Medicina”, do jornalista e membro da Academia Mineira de Letras, Manoel Hygino dos Santos.

Recentemente, nos deixou, em 26 de março de 2018, aos cem anos.

Cada uma dessas histórias de vida encerra lições de seriedade, superação de dificuldades, de tenacidade e dedicação à medicina e à sociedade.

Agora, como membro titular desta Academia, desejo que o espírito sonhador, as realizações e o compromisso de meus antecessores sejam para mim fonte de inspiração.

Ninguém chega até aqui sozinho. É uma longa estrada. Devo muito a muitos. À minha família, aos mestres que me mostraram o caminho, aos colegas e amigos que me acompanharam, aos alunos que representam um estímulo constante em minha trajetória.

A vida nos torna menos rígidos, mais tolerantes e mais emotivos. Gostaria de agradecer pessoas importantes na minha caminhada como pessoa e como profissional.

A família que constituí com o Vado e meus filhos Bruno, Leonardo, Guilherme, agora enriquecida com minha nora Cecília, que nos presenteou Lucas, meu netinho constituem meu esteio e estímulo para prosseguir, fazer o melhor, superar desafios e fortalecer-me com os obstáculos.

Os valores morais aprendidos com meus pais, Amaro e Zoé, moldaram meu modo de ser e agir.

Muitas pessoas queridas assumiram grande importância na minha vida.

Minha irmã, Beth e seus filhos- Eduardo, meu afilhado Bernardo e Isabela, que ela generosamente me deixou considerá-los meus, e, agora, também, compartilha seus três netinhos.

Minha prima Lucinha, irmã de coração, assim como meu primo irmão Adilson sempre presentes em todos os momentos e que me honraram me convidando para madrinha de batismo de seus primogênitos - Lucila e Cacau.

Muitas outras pessoas, mesmo sem aqui citá-las nominalmente, sabem que têm lugar cativo e privilegiado em meu coração.

Desde meu ingresso, em 1969, na Faculdade de Medicina da UFMG, nunca mais saí, posso considerá-la minha segunda casa. Nesses quase cinquenta anos, ali passo a maior parte do dia, ali fiz grandes amigos. Entre tantos, ressalto minha amizade de 30 anos com a professora Conceição Werneck, dividindo sala de docente, turmas, frustrações e alegrias.

Nessa caminhada de mais de quarenta anos como professora, percorri todas as etapas da carreira docente. Sinto-me realizada pela contribuição de meu trabalho nas atividades fins da Universidade- produção, transmissão e aplicação de conhecimentos por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Todos nós em algum momento decisivo da vida encontramos alguém que nos apoia e estimula no enfrentamento de situações novas. Como um cometa ilumina nosso caminho e segue, muitas vezes, sem dimensionar a importância do papel representado em nossa vida.

Permitam-me destacar dois “cometas” que iluminaram de modo especial, minha trajetória acadêmica. Não por coincidência, ambos pertencem a esta Academia.

João Carlos Pinto Dias, ocupante da cadeira 80 foi um deles. Sempre incentivando, abrindo caminhos e aproximando pessoas.

Foi meu orientador de mestrado e doutorado e apoiou a criação do Ambulatório de doença de Chagas do Hospital das Clínicas, em 1985. Nosso ambulatório serviu de modelo para tantos outros, em diversos estados, que se inspiravam no atendimento integral ao paciente. Busco e não encontro em nosso idioma palavras que expressam toda a minha gratidão ao João Carlos.

Não pode estar aqui, por problema de saúde, mas continua sempre sendo meu MESTRE

Todas as atividades se interligam e se confundem. A vida é um continuum e qualquer fragmentação ou tentativa de sistematização não abarca as dimensões que se entrecruzam.

Em 1998 assumi a coordenação do Colegiado do Curso de Medicina. Era um tempo de mudanças e grande preocupação com a abertura de novas escolas médicas, o que de fato aconteceu: entre 2000 a 2015, foram criadas 142 escolas médicas.

Meu mandato coincidiu com uma época de intensos debates e ações em busca de uma escola comprometida com a formação de um médico cuidador, solidário e ético, apto a utilizar a melhor resolução técnica possível para os problemas de saúde, mas consciente de sua responsabilidade social. Esse movimento transformador resultou na elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais, em 2001.

Nessa época, o professor Philadelpho Siqueira, também confrade dessa Academia, onde ocupou a cadeira 63, me convidou a participar da avaliação de escolas médicas de Minas Gerais, iniciativa feliz do Conselho Regional de Medicina.

Ele foi outro cometa que iluminou meu caminho na área da educação médica, especialmente no enfoque da avaliação institucional dos cursos de medicina. Trabalhamos juntos em outros processos de avaliação - Pró-Saúde, Comissão de especialistas do MEC, presidida pelo saudoso professor Adib Jatene.

Agradeço as oportunidades que me ofereceu e presto aqui minha homenagem ressaltando sua capacidade para tratar de assuntos polêmicos e controvertidos, sempre de modo gentil e apaziguador, procurando estimular o consenso e não a discórdia.

Em julho de 2014, subitamente nos deixou, mas sua luta continuará nos servindo de exemplo e inspiração.

Minha atuação na Universidade sempre esteve pautada pela valorização do conhecimento e a atuação interdisciplinar, capazes de responder às questões contemporâneas e relevantes da sociedade.

Na coordenação do Núcleo de Educação da nossa Faculdade, junto com minhas colegas - Cristina, Rosa, Denise e Silvana criamos o Programa de Desenvolvimento Docente, que busca estimular os professores, em especial os novos docentes, a se envolverem com estratégias educacionais interativas que tornem o estudante protagonista de sua aprendizagem.

A aprendizagem significativa, segundo Áusubel, acontece quando o que se aprende faz sentido para quem aprende, ou seja, quando novos saberes, valores, emoções, atitudes e habilidades conectam-se à rede de significados, que cada um traz, atribuindo novos sentidos ao fazer.

Incluir a dimensão do significado implica em admitir que o conhecimento não pode ser caracterizado de forma independente de como foi aprendido e de como é usado. A contextualização necessária para o seu uso já o transforma.

O modelo pedagógico atual exige dos docentes mais do que o domínio teórico de conteúdo. Torna-se indispensável a qualificação e a experiência prévia aliados a princípios éticos e humanistas, atributos de qualquer profissão e, principalmente àqueles que serão modelos para os jovens aprendizes. A profissionalização docente deve ser uma política do sistema formador, com ações de valorização, incentivo e capacitação contínua de seus professores.

A medicina contemporânea presencia o paradoxo do crescimento exponencial de novos conhecimentos e tecnologias, que clama por um profissional superespecializado e, por outro lado, a demanda crescente pelo cuidado humanizado, interdisciplinar, respeitando a autonomia do paciente.

A arte da medicina se alicerça na capacidade da escuta qualificada, no vínculo estabelecido na relação médico paciente. O ato médico representa o encontro do sofrer do indivíduo, que leva ao médico seu sofrimento expresso por sintomas, o qual, por sua vez, utiliza seu saber para diagnosticar e tratar essa demanda. Com a crescente valorização da tecnologia, a arte vem sendo substituída pela evidência científica e o paciente torna-se uma engrenagem que precisa de conserto.

Denúncias e processos ético-profissionais se avolumam nos Conselhos Regionais de Medicina, muitos motivados pelas condições de trabalho inadequadas.

A exaustão emocional acompanhada de despersonalização e redução do sentimento de realização pessoal, tríade clássica da “síndrome de *burnout*” vem aumentando em escala mundial.

Em 2017, editorial publicado na prestigiada revista Lancet apontou que essa síndrome atingiu proporções epidêmicas no Reino Unido, com elevado coeficiente de transtornos depressivos em médicos em comparação com a população geral. No Brasil, o tema tornou-se prioritário na agenda de 2017 do Conselho Federal de Medicina (CFM), preocupado com a gravidade do problema. A publicação de maio de 2017 aponta que quase metade dos médicos (46%) reconhece ter apresentado sintomas de esgotamento profissional em algum momento de suas carreiras.

Vislumbra-se, assim, um longo caminho a ser trilhado!

Como educadores, precisamos buscar maneiras de estabelecer diálogos com a nova geração, que prefere refugiar-se no virtual, no imediatismo de respostas simples e pontuais. A avaliação de desempenho dos concluintes de cursos médicos do país, nos quatro triênios de avaliação institucional, revela um fato preocupante. A dificuldade de pensar, de desenvolver raciocínio clínico. Os jovens precisam desenvolver a habilidade da tomada de decisão em condições de incerteza, a lidar com a ambiguidade, com a complexidade, a singularidade e os conflitos de valores que quase sempre escapam à racionalidade técnica.

Desse modo, impõem-se estratégias educacionais imediatas de valorizar a reflexão, o estudo aprofundado. Quanto mais lúcida a capacidade de raciocínio maior o espírito crítico, a imaginação e a criatividade. Questionar, em vez de oferecer soluções, mediar o desenvolvimento de competências emocionais, morais e técnicas, conectadas à contemporaneidade do mundo real.

Compartilho a assertiva de Edgard Morin de que há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados em disciplinas, e, por outro, “realidades ou problemas cada vez mais transversais, multidimensionais, globais.”

O fantástico mundo tecnológico determina conflitos, expectativas, mudanças e reformulações. Com toda essa evolução, a formação e o aperfeiçoamento do médico devem ser revistos. Nos últimos tempos, o desalento, o desencanto, a falta de perspectivas e de horizontes têm conspirado, tornando nossos médicos menos interessados em aperfeiçoar seus conhecimentos. Devemos evitar a deterioração do relacionamento médico-doente. A quebra desse vínculo leva ao desaparecimento daquilo que existe de mais nobre e belo e que é a própria essência de nossa atividade profissional.

Devemos nos inspirar no quadro pintado, em 1891, por Samuel Fields, como uma homenagem do pintor ao dr. Murray, médico prestativo que assistiu seu

filho até a hora da morte. Mesmo sem ter obtido o sucesso da cura, numa época em que as crianças morriam, em geral, devido às doenças infecciosas, pela ausência de antibióticos, foi reconhecida a atitude comprometida, intuitiva, respeitosa e humana do médico.

Entre os grandes desafios do ensino na contemporaneidade está a formação ético-humanista.

A Academia Mineira de Medicina, composta por médicos notáveis e professores na ativa e aposentados, todos com ampla vivência profissional, poderia assumir maior protagonismo na busca de alternativas para o aprimoramento da formação dessa juventude, que escolheu a carreira para construção e manutenção da qualidade da Medicina no país. Junto com outras entidades de classe como a Associação Médica e o Conselho Regional de medicina muito tem a contribuir com as instituições formadoras para o enfrentamento dessa questão, que embora grave, tem solução.

Cícero dizia que “sonhos são como os deuses. Se não se acredita neles, eles deixam de existir”.

A vida me ensinou que devemos caminhar com coragem, serenidade e sabedoria, mantendo sempre os sonhos.

Senhor Presidente, Senhoras Acadêmicas e Senhores Acadêmicos, que a Academia não seja o lugar de- parafraseando nosso presidente- prof. Lippi, em seu discurso de posse, em 2007 **velhinhos entediados, muitos menos entediantes**, mas uma oportunidade de rejuvenescermos, pelas novas amizades, novos horizontes e do aprendizado constante na troca de conhecimentos.

Como ocupante da cadeira número 73, assumo o compromisso de honrar a tradição e a rica história dessa entidade.

Agradeço a oportunidade de pertencer à Academia, se tenho algum merecimento ele está no processo de minha trajetória pessoal e acadêmica e não nos resultados obtidos. Os resultados são sempre fruto da contribuição de um número infindável de pessoas, às vezes até desconhecidas.

Termino, caros confreres e confrades, afirmando que juntos podemos contribuir no aprimoramento da formação dos jovens médicos.

Agradeço a presença dos queridos amigos que aqui vieram prestigiar-me neste momento tão importante e significativo.

Agradeço a todos que cruzaram minha vida e influenciaram na pessoa que me tornei. Àqueles que me apoiaram e acreditaram em mim, agradeço por terem possibilitado manter acesa a chama do entusiasmo e a capacidade de sonhar.

Obrigada.